Cidadão Urbano que papel é esse?

ELISABETH L. BEZ CHLEBA[1]

RESUMO

As grandes cidades tendem a consumir muita energia, tempo e saúde dos seus habitantes. O papel de ser cidadão urbano, em alguns casos, pode ser ignorado e assumido de forma passiva — um papel congelado, muitas vezes não desenvolvido, estando estagnado na 1ª etapa do desenvolvimento de papéis: *role taking*. Ser cidadão é um papel de direitos e deveres. Um papel que instiga a possibilidade de ter uma relação com seu território – seu corpo, o espaço que habita e trabalha, sua realidade social – preservando sua identidade saudável e suas memórias, ofertando mobilidade fluida, ações que beneficiem e respeitem o seu espaço, energia sustentável, zelo pela saúde, educação digna e segurança. Por outro lado, temos deveres como cidadãos: votar de forma consciente, segundo seus princípios, respeitar as leis e pagar impostos — garantidos pelo Estado —, exercer uma ação política e social, fiscalizando governantes e contribuindo para o bem comum. Na realidade, esse papel do cidadão urbano visa atuar na sociedade para transformar a realidade em busca de uma qualidade de vida que nos traga saúde e crescimento. Hoje nos deparamos socialmente, com uma nova visão sustentável e inclusiva, e com inúmeros projetos preocupados com essa questão. Mas como está a ação de cada cidadão diante dos desafios trazidos pelas cidades? O desgaste da vida urbana instiga a refletir, sob um olhar moreniano, o nosso território, as nossas memórias e quais transformações podemos promover diante das idiossincrasias vividas. Refletir sobre o protagonismo desse papel. Por que temos dificuldades em buscar respostas espontâneas e criativas em um espaço que deveria nos acolher e promover saúde? O objetivo é promover, por meio de jogos dramáticos, o papel de cidadão urbano, questionando suas problemáticas e lapidando o caminho para uma ação que torne o indivíduo protagonista do seu próprio território, instigando a espontaneidade e criatividade para soluções possíveis, mesmo que sejam ínfimas, mas saudáveis para a sociedade. A vivência seguirá a metodologia moreniana, conduzida pelas etapas do trabalho sociodramático: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, jogo dramático e comentários. A parte central do trabalho será a exploração de imagens negativas e positivas das cidades, levando através do jogo a uma dramatização ou concretização com tecidos. O foco estará em conduzir o grupo respeitando as fases da matriz dos participantes. Naturalmente o

[1] Supervisora Socioeducacional da ABPS – Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama. Psicóloga – CRP 26254- SP/SP - ebez@terra.com.br

trabalho está alinhado com obras da área socioeducativas e organizacionais como as de Andrea Claudia de Souza e Joceli Drumond, Yvette Datner, Yudi Yozo, Luis Contro , Lucia Almeida, Julia Motta e principalmente M Alice Romaña, com os quais sempre tive relação durante a minha formação e desenvolvimento. Esta proposta está aberta para até 20 participantes. Espera-se que os participantes identifiquem, discutam, se sensibilizem e reflitam sobre a necessidade de desenvolver o papel de cidadão urbano em busca de soluções urbanas (mobilidade, energia, educação, saúde, espaços culturais e de lazer, habitação, segurança...), que naturalmente gerem qualidade de vida, criando possibilidades de protagonismo em seu território.

Palavras-chave: Territórios. Transformações. Desenvolvimento de papéis. Conserva cultural. Cidadão urbano.